

Olhar com atenção e minúcia: a poesia de Bruna Beber

Maria Eduarda Nascimento Ribeiro

Universidade Federal de Alagoas

Susana Souto

Universidade Federal de Alagoas

1. Introdução

No Brasil, durante séculos, as mulheres foram excluídas da escola, do mercado editorial e do cânone literário. O trabalho contínuo e comprometido de muitas pesquisadoras, nas últimas décadas do século passado, deu visibilidade a obras e a autoras que estavam excluídas do cânone, como Maria Firmina dos Reis, romancista maranhense do século 19, autora do romance *Úrsula*. Esse quadro muda, significativamente, na segunda metade do século 20 e mais ainda no século 21, com a entrada maciça de autoras na cena literária. Hoje, não só temos muitos livros assinados por poetisas, contistas, romancistas, como também inúmeras pesquisas sendo realizadas sobre essas obras, além de diversas editoras criadas e administradas por mulheres, em todos os estados do Brasil.

A literatura brasileira tem sido renovada e transformada por muitas autoras que, muitas vezes, atuam também como pesquisadoras e tradutoras, como é o caso de Bruna Beber Franco Alexandrino de Lima, ou apenas Bruna Beber, carioca de Duque de Caxias (RJ), nascida no ano de 1984. Ela também é Mestre em Teoria e História Literária pela UNICAMP, com pesquisa intitulada *Uma encarnação encarnada em mim – cosmogonias encruzilhadas em Stella do Patrocínio*, publicado em livro em 2021. Sua obra poética é composta por *A fila sem fim dos demônios descontentes* (7Letras, 2006), *Balés* (2009), *rapapés e apupos* (7Letras, 2012), *Rua da Padaria* (Record, 2013) e *Ladainha* (Record, 2017). Publicou ainda um livro infantil, *Zebrosinha* (Galerinha, Record, 2013).

Bruna Beber colabora também com diversos sites, blogs e revistas impressas de literatura, poesia e música. Além disso, a autora realiza, desde 2011, oficinas, laboratórios de criação poética, intervenções e mediações de leitura em alguns estados do Brasil, de modo presencial e *on-line*. É presença constante em eventos literários no Brasil e no exterior, ministrando oficinas ou dando palestras e participando de debates, entre as mais recentes está a FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), em 2013, e do *Göteborg Book Fair* 2014, na Suécia, integrando a comissão oficial de escritores que representaram o Brasil.

Nesta entrevista, concedida generosamente por Bruna Beber, durante

Maria Eduarda Nascimento Ribeiro

Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5529-5879>

Susana Souto

Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7629-1383>

Recebido em:
25/10/2022

Aceito em:
07/11/2022

SET / DEZ 2022
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 144-148

realização de pesquisa de mestrado de Maria Eduarda Nascimento Ribeiro, sob a orientação de Susana Souto Silva, neste programa, a poeta, pesquisadora e tradutora fala sobre diversos temas e procedimentos centrais em sua poesia instigante, que se configura como uma das mais inventivas da literatura brasileira contemporânea.

2. Você identifica a presença da memória da infância na sua poesia?

No poema “Nostos”, do livro *Meadowlands* (1996), Louise Glück versa que – “(...) Consideramos [sentido de olhar com atenção e minúcia] o mundo uma vez só, na infância. O resto é memória.”. Assim, vejo a infância – Gênesis ou Paraíso Perdido de Milton ou “Antes o mundo não existia”, dos Desana – como um épico que estou sempre tentando reencenar, ora como anjo caído (Lúcifer, Arcanjo Miguel, Zulu Bangu) ora encarando a destruição e reconstrução dessa antimemória. Pensava tê-la exaurido no *Rua da Padaria* (Record, 2013) e gostaria de afirmar que foi só o começo, mas noto que desde o primeiro livro busco aqueles frutos verdes das primeiras considerações para adiante me tornar minha própria avó. Há quem determine que não há espaço para a nostalgia na poesia – muito se determina na poesia, o que é ingênuo – mas a infância, a meu ver, é futurística, o perpétuo desconhecido.

3. A memória de suas leituras é muito acionada em sua escrita. Como você percebe esse movimento? Você decide que naquele livro, especificamente, irá dialogar mais com alguns autores ou com algumas autoras?

Você está me contando uma novidade, obrigada. Só posso afirmar que a memória do que eu ouço e escuto nas vibrações dos seres pelo mundo é presente em tudo que eu escrevo. Leitores talvez percebam ou não, sobretudo porque o som é um evento e não tem memória quando não é apreendido, a não ser para quem ouve. Então sinto que estou desde o primeiro livro trabalhando com falares e cantares – e nisso incluo a música, minha musa companheira, a quem reverencio diariamente e sem a qual não sei ver. Musa companheira, não de inspiração. A inspiração é insondável. E como minha formação como leitora começou depois da minha formação como ouvinte, embora concomitantes e bem cedo na vida, existe esse filtro chamado ouvido. Portanto ouço e me esforço para ouvir quase tudo que leio.

4. Como ocorre a escolha dos seus títulos? Ela está associada à leitura de outros livros? Por que “Rua da padaria”?

Dos cinco livros que publiquei, só “a fila sem fim dos demônios descontentes” originou-se de uma outra obra. Nesse caso uma pichação no Viaduto da Perimetral, no Rio de Janeiro, que depois fui saber de autoria de Gustavo

Speridião, um artista brasileiro hoje conhecido internacionalmente. O picho completo era “a fila sem fim dos demônios descontentes no amor”, eu subtraí “o amor” porque... claro. Na época, eu e ele éramos estudantes ainda, e até hoje somos amigos, colaboramos algumas vezes depois desse primeiro encontro. O Viaduto não existe mais, o centro do Rio virou outra coisa, mas eu ainda tenho uma foto posando em frente à obra do Gustavo. Já “Rua da Padaria” era o modo como as pessoas que viviam num dos bairros onde cresci, na cidade de Duque de Caxias (RJ), se referiam a essa rua específica, que tinha outro nome obviamente. Uma espécie de apelido. Minha avó também chamava de Rua da Padaria e por coincidência foi a primeira rua que atravessei sozinha na vida; eu e ela frequentamos muito essa padaria, cujo nome não me lembro mais. Adoro padarias em geral. Mas esse é um costume das cidades pequenas brasileiras. Viajando por muitos estados, notei que ao pedir informação sobre alguma rua, as pessoas respondiam: “Pega a rua do cartório”, “vira na rua da praça à esquerda”, “entra na rua dos Correios” etc.

5. Você é parente de um grande autor alagoano, Jorge de Lima. Você se identifica com a poesia desse autor? Que livro dele você cita como mais significativo?

Meu avô Waldemar Alexandrino de Lima, alagoano e inesquecível, tinha muito orgulho de seu primo distantíssimo, inclusive nas gerações, e guardou o quanto pode uma edição surrada de *XIV Alexandrinos*, outra de *Invenção de Orfeu* e uma seleta de poemas. Não cheguei a conversar sobre isso com o meu avô, ele morreu quando eu tinha cinco anos, embora nesses cinco anos tenhamos tido tempo para conversar muito. Sei pelo meu pai que os livros ficavam no sótão da casa e foram assassinados por uma infiltração prolongada e insuspeita. Mas cresci com essa informação de parentesco e outras edições foram repassadas a mim com o tempo, e eu as recebi com muita curiosidade. Entretanto há uma pequeníssima falange da nossa família, gente amarga e sem imaginação, que chegou a afirmar não termos qualquer parentesco com JL. Quem está com a razão, eu não sei, ainda não passei essa história a limpo. Mas estou sempre relendo Jorge de Lima, é um poeta do meu coração. Tem uma história curiosa: quando cursava o primeiro ano do ensino médio (aos 15 anos) tive uma professora de literatura por quem eu tinha muita admiração, Angélica Castilho, hoje professora da UERJ, até onde eu sei. Aí quando chegamos nas escolas literárias e começamos a estudar JL eu disse a ela que era meu parente distante. Ela riu tanto da minha cara – era uma mulher de muito espírito – e só aí eu comecei a entender a importância dele para as letras brasileiras

6. Em sua poesia, há uma presença do humor. Como você avalia isso? Você acredita que o humor é um recurso para nos fazer refletir sobre algo? Você acha que ele pode tor-

nar a poesia mais próxima do cotidiano ou das pessoas?

Entendo que há *graça* na minha poesia, não humor. Mas entenda que não acho minha poesia engraçada, o que às vezes lamento. E, havendo graça, me sinto mais próxima da *estima* e da *benevolência*, desagues da *dádiva* e do terrestre, isto é, da tragédia. Quero dizer que vejo na minha poesia sobretudo as características da tragicomédia, porque também sou filha do tragicômico, como todas as pessoas brasileiras. De todo modo, humor e graça são os degraus mais altos do pensamento, ato, processo e efeito de resgate, a desbravação da morte.

7. Você lê as críticas escritas sobre os seus livros? Você acredita que a crítica tem um papel importante na divulgação da obra?

A crítica literária tem um papel importante, mas não fundamental. Revela mais a quem escreve a crítica do que a quem escreve a obra. Sei por que estou dos dois lados. E não é culpa da crítica. Problema da falta de âmbito para a crítica. Na mídia, em grande parte rarefeita. Na academia mais volumosa e interessante, mas de circulação ainda melhor. Pelos bares o que se ouve é ressentimento. Enfim não acho que haja crítica suficiente para alimentar a circulação ou aposentadoria de uma determinada obra, a crítica hoje é o boca a boca.

8. Poemas seus foram musicados. Como foi sua relação com os compositores/cantores que musicaram seus poemas?

Sempre quis tocar no rádio. Passei boa parte da infância ouvindo rádio com minha avó pelas manhãs e com meus pais nas noites do fim de semana. Meu primeiro estágio foi trabalhando com rádio. Em 2005, eu já tinha um podcast. Era um podcast de poesia, cujo nome era *Poetrycast*, eu mesclava poesia e música. Tinha também um apelido, Mike (em alusão à “mic”, microfone) e ainda está no ar! Segue o endereço: <https://www.podomatic.com/podcasts/poetrycast>. Gravava todos os programas de casa, sempre gostei de trabalhar com programas de áudio. Bom, no princípio era o som, a música, depois a poesia ou a poesia que veio com a música e por fim o mais difícil: compor uma obra litero-musical. De minha parte, por enquanto, somente o “litero”. O rádio hoje infelizmente representa muito pouco, mas eu ainda ouço rádio. E aí que entrei no mercado fonográfico porque amigos e amigas que eram músicos e muitas vezes poetas, começaram a musicar meus poemas. Depois passei a botar letras em melodias, mas em dupla. Hoje já escrevo letra sobre melodia sozinha e aprendi a fazer isso entoando cantos ameríndios. Cheguei a gravar vários. Para mim, claro. Mas é um exercício magnífico ler os cantos em voz alta dando o andamento musical. Como já vieram prontos, isto é, nasceram como canto e depois foi para o registro do

papel (infelizmente temos um acervo diminuto do cancionero ameríndio), é o melhor aprendizado de cantar. Tenho nove canções gravadas e minhas parcerias até agora são: Letrux, Juliana Perdigão, Botika, Dimitri BR, Pedro Cassel, Cris Caffarelli, Mauro Santa Cecilia e Maurício Barros.

9. Seu poema “as avós e as tias” aborda a existência da toalha bordada em diversas e distintas gerações. Você acha que ela funciona como um objeto memorialístico?

Sou uma sujeita que desconhece o conceito econômico de herança no que diz respeito a bens, imóveis e até mesmo pequenas fortunas. Nesse sentido, não herdarei nada, e me sinto muito confortável de não ter que passar o resto dos dias cuidando dos elefantes de outras pessoas. Na minha família, não há qualquer acúmulo desse tipo. Ou seja, uma família inteira de trabalhadores que acumulou para outras pessoas. Por outro lado, existe entre nós a mística dos objetos de carinho. Fui criada recebendo, não sem controle e num intervalo de tempo que não prevê facilidades, um rádio de pilha de um avô aqui, um relóginho de uma avó acolá, um cinzeiro que meu pai já me repassou em vida rs, uma baqueta de bateria que mamãe também já me repassou em vida rs, um baleiro deixado por outro avô, uma moeda rara da coleção de outra avó que está viva. Enfim, desde que nasci recebo objetos que têm ou tiveram importância para alguém que ajudou a me criar. Amigos e amigas também fazem isso comigo, namoradas já fizeram. Parece que as pessoas ficam à vontade para confiar a mim suas memórias e elas podem ficar tranquilas porque nunca vou jogar fora aquela toalhinha que ganhei quando tinha sete anos ou aquela lâmpada de pisca-pisca do Natal de 92. Assim, herança para mim é confiança. Não sou acumuladora, sou colecionista. E com isso venho cultivando meu próprio museu, que se chama “Museu Beber de Lixo Lindo” e 90% do acervo está aguardado aqui no meu escritório, um *studio* que alugo na Praça Olavo Bilac para trabalhar todos os dias.

10. Quais são seus próximos projetos?

Desde o *Ladainha* já se passaram cinco anos que não publico nada, exceto traduções, que foram mais de quinze. Mas ano que vem eu vou publicar um livro novo de poemas.